

# Cultue

Natal/RN | Nº 44 | Ano 6 | 30 de maio de 2026

EDIÇÃO  
ESPECIAL

A CULTUE É PARTE INTEGRANTE DO JORNAL AGORA RN. COM DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. TIRAGEM DESTA EDIÇÃO - 7.500 EXEMPLARES

# SÃO JOÃO

Evento começa em 5 de junho em Natal com grandes nomes da música

ARTESÃ DO RN TRANSFORMA  
CONCHAS EM ARTE SACRA

RELANÇAMENTO RESGATA OBRA  
MARCANTE DE CARLÃO DE SOUZA

# Cultue

O anúncio da programação do São João de Natal 2026 confirma algo que já vinha se desenhando nos últimos anos: a festa deixou de ser apenas um calendário de shows para ocupar um espaço estratégico na identidade cultural, turística e econômica da capital potiguar. Ao ampliar polos, estruturar grandes arenas e investir em atrações de alcance nacional sem abrir mão dos artistas locais, Natal consolida um modelo de evento que dialoga com diferentes públicos e fortalece a cultura popular nordestina em escala cada vez maior.

Mais do que números de público ou impacto econômico, o crescimento do São João revela a força simbólica de uma tradição que continua mobilizando afetos, memórias e pertencimento. Em um cenário de transformações rápidas no consumo cultural, as festas juninas seguem ocupando um raro lugar de encontro coletivo. Elas conectam gerações, atravessam classes sociais e reafirmam elementos centrais da identidade nordestina por meio da música, da dança, da culinária e da ocupação dos espaços públicos.

A programação anunciada pela Prefeitura reflete também uma mudança no posicionamento de Natal dentro do circuito junino nacional. Historicamente ofuscada por polos tradicionais do Nordeste, a capital potiguar passou a disputar protagonismo ao apostar em estrutura, logística e diversidade artística. O investimento em segurança, transporte gratuito e acessibilidade aponta para a tentativa de transformar o evento em uma experiência urbana mais ampla, capaz de integrar lazer, turismo e circulação econômica.

Mas o fortalecimento do São João não pode se limitar à lógica dos megaeventos. O verdadeiro patrimônio junino está também nos arraiais de bairro, nos grupos culturais, nas quadrilhas, nos sanfoneiros e nas manifestações populares que sustentam essa tradição ao longo do ano inteiro. Nesse sentido, o edital de apoio a grupos juninos e festivais independentes é um passo importante, ainda que insuficiente diante da dimensão cultural dessas iniciativas.

Ao transformar o São João em vitrine nacional, Natal ganha visibilidade, movimenta a economia e amplia seu calendário turístico. O desafio agora será equilibrar crescimento e preservação cultural, garantindo que a grandiosidade da festa não apague suas raízes populares. Afinal, o sucesso de um São João não está apenas no tamanho do palco, mas na permanência da cultura que o sustenta.



**Nathallya Macedo**  
Editora

## EXPEDIENTE

**Direção**  
Alex Viana

**Foto da capa**  
José Aldenir

**Diagramação**  
Paulo Maia

**Edição**  
Nathallya Macedo



A Revista Cultue é um produto do Grupo Agora RN, que detém os direitos de produção e propriedade

**Comercial**  
publica@agorarn.com.br  
(84) 98117-1718

## SUMÁRIO



**CAMI SANTIZ ESTREIA COM ÁLBUM INSPIRADO NAS SALINAS**

07

**ROSA DE SARON LANÇA ÁLBUM INÉDITO**



10



**POTIGUAR TRANSFORMA IDENTIDADE NORDESTINA EM CONTEÚDO NAS REDES**

11

# Praver & ouvir

## NATAL AMARGO

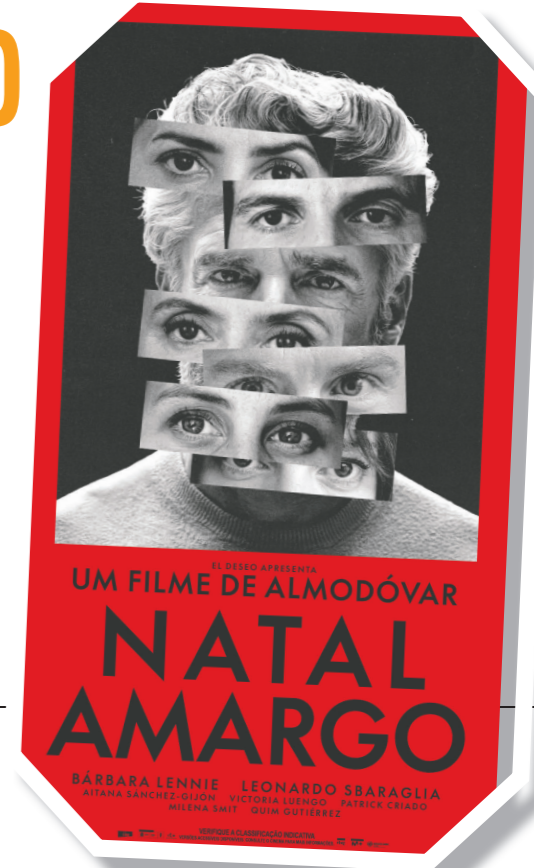
“Natal Amargo”, novo filme de Pedro Almodóvar, acompanha o cineasta Raúl, vivido por Leonardo Sbaraglia, que enfrenta um bloqueio criativo e decide transformar os dramas de pessoas próximas em um roteiro autoficcional. A narrativa parte das memórias e experiências de Elsa, personagem de Bárbara Lennie, uma publicitária marcada por relações turbulentas e tragédias pessoais.

O filme alterna entre duas linhas do tempo: a Madri de 2004, onde Elsa vive seus conflitos afetivos e familiares, e o verão de 2026 nas Ilhas Canárias, período em que Raúl revisita essas histórias para criar sua obra. Conforme passado e presente se conectam, os personagens confrontam lembranças, perdas e os impactos emocionais de transformar a vida real em ficção.

Misturando drama e humor característicos da filmografia de Almodóvar, “Natal Amargo” discute os limites éticos da criação artística e a maneira como a memória molda as narrativas pessoais. Apesar do título, a produção se distancia de um conto natalino tradicional e aposta em uma reflexão sobre amor, luto e inspiração.



Filme em cartaz nos cinemas



## THE CURE - OLIVIA RODRIGO



O single “The Cure”, de Olivia Rodrigo, lançado recentemente, traz uma reflexão sobre o fim da ideia de que o amor pode resolver todos os problemas pessoais. A música faz parte do álbum You Seem Pretty Sad for a Girl So in Love, que será lançado no dia 12 de junho.

Com quase cinco minutos, a faixa cresce aos poucos até um momento mais intenso, combinando um som inspirado no rock alternativo dos anos 90 com uma letra marcada por insegurança, frustração e autoconhecimento. A narrativa mostra alguém que percebe que, mesmo em um relacionamento, sentimentos como dúvidas e angústias continuam existindo.

A música aborda justamente essa diferença entre amar alguém e estar bem consigo mesmo, destacando que o amor não é uma “cura” para questões internas. O lançamento reforça uma fase mais madura da cantora, com temas mais reflexivos sobre sentimentos e relações.

Single disponível em todas as plataformas digitais





**Belita Lira**  
★★★★★

A cabeça do santo foi um livro que me conquistou logo nas primeiras páginas. A leitura é leve e flui com naturalidade, com uma escrita simples, mas muito

sensível, que retrata personagens comuns com humanidade e carinho.

O que mais me chamou atenção foi a forma como cada personagem tem sua própria essência e importância, nada parece estar ali por acaso. A narrativa é tão bem construída e natural que eu facilmente acreditaria se me dissessem que foi inspirada em uma história real.

Mais do que contar uma história, o livro traz uma reflexão necessária sobre a fé. Não apenas a fé religiosa, mas aquela que sustenta o dia a dia: a fé no amor, na família, no dinheiro, em si mesmo ou simplesmente na vida. Entre momentos difíceis e pequenos milagres, a obra mostra que acreditar em algo é, de certa forma, o que mantém as pessoas seguindo em frente.

É uma leitura que acolhe, envolve e deixa uma sensação de carinho ao final. Um livro que eu sempre indico quando posso.



**Isabelly Noemi**  
★★★★★

O que mais me chamou atenção em *A Cabeça do Santo* foi como a Socorro Acioli transforma uma ideia fora do comum em algo totalmente natural dentro da narrativa. O elemento fantástico não aparece de forma chama-

tiva ou exagerada, ele vai sendo incorporado com calma, o que cria uma atmosfera muito própria e envolvente.

A leitura me passou a sensação de um livro mais de sensibilidade do que de acontecimentos. Não é uma história que depende de grandes reviravoltas, mas do jeito como tudo é construído e da forma como o cotidiano é observado. Isso faz com que a leitura flua com facilidade, mas sem perder profundidade.

Outro ponto que me marcou foi a forma como a fé aparece. Ela não é romantizada nem tratada com distância, mas como parte real da vida das pessoas, com suas contradições, fragilidades e desejos. Isso deixa a história muito humana e próxima, mesmo quando entra no campo do fantástico.

A escrita também ajuda muito nessa experiência. É simples, mas bem feita, com uma economia de palavras que dá espaço para o leitor sentir mais do que apenas acompanhar a história. Nada parece sobrar ou faltar.

É também aquele tipo de livro que vai prendendo aos poucos e, quando a gente percebe, já está envolvido. E, principalmente, é um livro que deixa vontade de continuar lendo, de querer mais — mais da história, mais daquele universo, mais daquele tipo de sensação que ele provoca. No fim, é uma leitura que fica com a gente depois da última página.



**Luzia Cavalcanti**  
★★★★★

O sertão nordestino aparece como território de fé, abandono e imaginação. A narrativa acompanha Samuel, um jovem que, após a morte da mãe, cumpre uma promessa e



**A página Clube do Livro reúne, a cada mês, avaliações das repórteres da Cultue sobre a obra escolhida para leitura coletiva.**

viaja ao interior em busca do pai e da avó. Sozinho e deslocado, ele acaba em Candeia — uma cidade pequena, marcada pela religiosidade e pelo cotidiano duro — onde encontra abrigo dentro da cabeça oca de uma gigantes-

ca estátua de Santo Antônio.

É nesse espaço improvável que o romance ganha sua força central: Samuel descobre que consegue ouvir as preces das mulheres da região, revelando um universo íntimo de desejos, carências e esperanças amorosas. A partir daí, ao lado de Francisco, um amigo que rapidamente percebe o potencial “prático” desse dom, o extraordinário passa a ser explorado de forma quase comercial, interferindo em relações e destinos da cidade.

A leitura é, sem dúvida, envolvente. O livro tem um ritmo dinâmico, intrigante e viciante — daqueles que fazem o leitor querer avançar sem pausa, movido pela curiosidade de entender até onde aquela situação insólita pode chegar. Há uma fluidez narrativa que prende com facilidade e transforma o mistério em combustível constante da história. O ponto mais forte da obra, porém, está na construção de Candeia.

A cidade não é apenas cenário, mas uma presença viva, moldada pela fé e pelas tradições do interior. A forma como a religiosidade organiza o cotidiano e atravessa as relações humanas cria uma atmosfera muito particular, que remete diretamente a cidades do sertão profundamente marcadas por essa cultura. Nesse sentido, a leitura desperta um forte componente afetivo e nostálgico — especialmente para quem reconhece, nessa ambientação, ecos de lugares como Juazeiro do Norte, onde fé e vida cotidiana se entrelaçam de maneira inseparável.

Essa dimensão de reconhecimento torna a experiência ainda mais potente: o livro não apenas conta uma história fantástica, mas também evoca um sentimento de pertencimento cultural. É um mergulho em um interior brasileiro onde o extraordinário não está separado do real — ele nasce dentro dele. Se há algo a ser observado criticamente, é que a própria força do encanto narrativo às vezes parece suavizar as tensões morais que a história sugere.

A exploração do dom de Samuel, por exemplo, abre espaço para questões éticas importantes, que poderiam ser mais aprofundadas. Ainda assim, isso não compromete o impacto da obra, que aposta mais na atmosfera e na experiência de leitura do que na densidade de conflitos morais. No conjunto, trata-se de uma obra que se sustenta pela imaginação e pela identidade cultural que constrói. Um romance legitimamente brasileiro, profundamente enraizado no Nordeste, que combina realismo mágico, fé popular e emoção humana.

## SÃO JOÃO DE NATAL



O São João de Natal 2026 terá programação distribuída em quatro fins de semana entre os dias 5 e 28 de junho, com shows na Arena das Dunas e no Ginásio Nélio Dias, na Zona Norte. A expectativa da Prefeitura do Natal é receber públicos acima de 80 mil e 100 mil pessoas por noite na Arena das Dunas, segundo o secretário municipal de Turismo, Sanclair Solon, em entrevista ao programa Radar 95, da 95 Mais FM, nesta sexta-feira 29.

De acordo com o secretário, a estrutura do evento foi ampliada em relação ao ano passado. “O evento já começa ampliado no espaço. A Arena também vai estar aberta para que a gente ocupe toda aquela área caso necessite. O evento vai crescendo”, afirmou.

Segundo Sanclair, a programação contará com festas às sextas-feiras, sábados e domingos, exceto no dia 12 de junho, Dia dos Namorados. A abertura do São João será realizada na Arena das Dunas entre os dias 5 e 7 de junho. Na sexta-feira 5, os shows começam às 19h com Arnaldinho, Cátia de França e Aduílio Mendes, Cavaleiros do Forró e Limão com Mel. No sábado 6, a programação terá Marina Elali, Ávine Vinny, Calcinha Preta e Pablo. Já no domingo 7, sobem ao palco Ricardo Brito, Natanzinho Lima, Henry Freitas e Mano Walter.

Para o segundo fim de semana, a programação começa no sábado 13, após a pausa do Dia dos Namorados. As atrações confirmadas são Circuito Musical, Fagner, Zezé Di Camargo & Luciano e Zezo. No domingo 14, a programação contará com Daniel Donato, Márcia Fellipe, Xand Avião e Léo Foguete.

No terceiro fim de semana, os shows começam no dia 19 de junho com Israel Fernandes, Raynel Guedes, Bruno & Marrone e Nattan. No sábado 20, se apresentam Grafith, Seu Desejo, JP Forrozado e Cadu Martins. Encerrando os shows da Arena das Dunas, o domingo 21 terá Messias Paraguai, Simone Mendes, Leonardo e Juliana Linhares.

Após os eventos na Arena das Dunas, a estrutura será transferida para o Ginásio Nélio Dias, na Zona Norte, entre os dias 26 e 28 de junho. Na sexta-feira 26, a programação terá Papel Gomes, Michele Andrade, Matheus Fernandes, Claudio Ney & Juliana. No

sábado 27, os shows serão de Roberto do Acordeon, Aline Reis, Samyra Show e Nattan Vinícius. O encerramento do São João ocorrerá no domingo 28 com Chicão Forrozeiro, Toca do Vale, Zé Cantor e Filho do Piseiro.

Segundo Sanclair Solon, o polo Nélio Dias, na Zona Norte, deve receber mais de 40 mil pessoas por noite. “A gente espera um grande público também”, afirmou. No Polo Nélio Dias, na Zona Norte de Natal, a programação do São João começa no dia 26 de junho com shows de Papel Gomes, Michele Andrade, Matheus Fernandes e Cláudio Ney & Juliane. No dia 27, sobem ao palco Roberto do Acordeon, Alinne Reis, Samira Show e Nathan Vinícius. Encerrando a programação no dia 28 de junho, se apresentam Chicão Forrozeiro, Toca do Vale, Zé Cantor e Filho do Piseiro.

A secretária municipal de Cultura, Iracy Azevedo, informou que, nos dias dos jogos da seleção brasileira, em 13 e 19 de junho, as partidas serão transmitidas na Praça de Eventos da Arena das Dunas, sem alteração na programação dos shows, que ocorrerão simultaneamente.

O secretário destacou que o esquema de segurança contará com atuação conjunta da segurança privada contratada pela Prefeitura, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros. A Prefeitura também manterá o transporte gratuito durante os dias de festa, em parceria com a Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana (STTU).

Segundo o secretário, haverá linhas especiais de ônibus para facilitar o deslocamento do público. “A STTU é uma grande parceira na realização do São João de Natal. A secretária Jórdia Melo, junto com toda a sua equipe, prepara o transporte cidadão para que ele leve com segurança e traga com segurança todo mundo que vai aproveitar a festa”, declarou.

As informações sobre linhas, horários especiais, programação e orientações para o público serão divulgadas nas redes oficiais da Prefeitura do Natal. “Todas as informações oficiais do evento saem no Instagram da Prefeitura”, afirmou. A área destinada a pessoas com deficiência (PCD) também estará disponível durante o evento.

O evento também contará com camarote privado. Segundo o secretário, parte da arrecadação será revertida para ações sociais por meio do Banco de Alimentos da Prefeitura. “As pessoas vão fazer a aquisição do seu ingresso e vão levar para o dia do evento uma doação de 2kg de alimento”, explicou.

Sanclair Solon afirmou que o São João de Natal gerou impacto econômico de cerca de R\$ 196 milhões em 2025, segundo levantamento da Fecomércio RN, e reuniu aproximadamente um milhão de pessoas durante todos os dias de programação no ano passado.

Ainda segundo o secretário, o projeto do São João de Natal recebeu reconhecimento nacional em premiação do Sebrae. A Prefeitura também lançou edital de apoio a grupos juninos, festivais e arraiais de rua, com investimento superior a R\$ 800 mil.



# CARLÃO DE SOUZA E O RETORNO DE UMA VIDA ESCRITA

Por Luzia Cavalcanti

Há livros que não pertencem ao tempo em que foram escritos. Eles parecem viver em suspensão, como se aguardassem uma segunda chance de ser lidos — não apenas como obra, mas como vestígio de uma presença.

Crônica da Banalidade, publicado em 1988, é um desses casos. Quarenta anos depois de sua gestação no mundo e quase uma década após a morte de seu autor, o jornalista e escritor Carlão de Souza, o livro volta a circular. Mas não retorna sozinho: traz consigo a matéria viva de uma vida inteira atravessada pela escrita, pela boemia, pelas redações e por uma forma muito própria de estar no mundo.

Carlão costumava se definir, em suas redes, como alguém que embarcou por engano em uma “máquina do tempo com defeito”. A imagem, meio confissão, meio ironia, parece condensar o tipo de relação que ele manteve com a própria existência: deslocada, intensa, inquietada, sempre um pouco fora de lugar — e, por isso mesmo, profundamente viva.

Na manhã de 16 de agosto de 2019, essa viagem interrompeu seu curso. Carlão morreu após enfrentar um câncer. O jornalista, professor, cronista, poeta, dramaturgo e editor deixou a esposa Sônia e os filhos Alex, Sérgio e Constância. Mas também deixou algo menos nomeável: uma forma de presença que continua se reorganizando na memória de quem o conheceu e de quem, agora, o lê.

Para o filho mais velho, o jornalista Alex Souza, o Carlão que existia fora das redações já não era exatamente o homem público que marcou a cultura potiguar. Na maturidade, diz ele, o pai se tornou profundamente caseiro. Viveu sua última década em uma casa no Pium, em Parnamirim, onde o mundo parecia entrar filtrado: pelas leituras, pelo noticiário, pela música, pelas visitas dos amigos ou pelos bares próximos. Um cotidiano que misturava recolhimento e escuta.

“Em casa, ele alternava os momentos de lazer com muitas leituras, acompanhar o noticiário, ouvir música e escrever”, relata Alex. Não havia ruptura entre o homem e a escrita — apenas uma mudança de temperatura. O mundo não deixava de entrar; apenas mudava de forma. Entre as lembranças que retornam ao filho, uma se repete com força inesperada: a do velório.

Não pela solenidade da despedida, mas pelas pequenas conversas que aconteceram ali. Pessoas que se aproximavam para dizer que estavam presentes não apenas para lamentar a morte, mas para reconhecer um gesto anterior — o gesto de ter sido publicado, ouvido, acolhido em algum momento por Carlão.

“Ele era alguém muito generoso, no pouco ‘poder’ que tinha, e usava para dar visibilidade aos escritos alheios”, lembra Alex. A generosidade, nesse caso, não aparece como virtude abstrata. Ela se materializa na rotina de editor de cidade, de cultura, de coluna



literária. Um trabalho que não apenas organizava textos, mas abria espaços.

A literatura de Carlão não se escondia da casa — mas também não a invadia completamente. Segundo Alex, os livros geralmente chegavam prontos, como se o pai os entregasse ao mundo apenas quando já não podiam mais ser interrompidos.

Ainda assim, havia colaboração.

Em Cachorro Magro, por exemplo, pai e filho dividiram a etapa de diagramação, em meio à rotina do Diário de Natal. Em Cidade dos Reis, Alex revisou o original antes da publicação. Em Urbi, a parceria se intensificou: revisão, projeto gráfico, capa — tudo feito em uma semana.

Mas mesmo nesses encontros, havia uma distância respeitosa entre criação e processo familiar. A escrita permanecia como um território próprio de Carlão, reservado, quase secreto. Quando pensa hoje em Crônica da Banalidade, Alex evita a leitura como simples herança afetiva. O livro, diz ele, sobrevive por uma longevidade que ninguém — nem leitores, nem o próprio autor — poderia prever.

A obra nasceu de um tempo específico: a juventude de Carlão, nos anos 1980, atravessada pelo fim da ditadura, pela sensação de liberdade recém-aberta e por uma cidade ainda limitada em horizontes.

O personagem central — um músico frustrado entre o jazz, a noite e a tentativa de fuga — carrega esse espírito de deslocamento. Um mundo que pulsa, mas não se encaixa. “Refletia muito a visão de mundo que ele tinha à época”, resume Alex.

A escrita, naquele período, parecia atravessada por excessos. A própria família reconhece: havia birita, boemia, juventude em estado bruto. O texto foi escrito à mão, depois datilografado pela ex-companheira Jô Medeiros, revisado e cortado até ganhar forma final.

Mas o tempo reorganiza a imagem. O que antes era fluxo, depois se torna foco. O que era impulso, vira método. E talvez seja nesse deslocamento que o livro encontra sua permanência. O relançamento de Crônica da Banalidade não nasce de um único gesto. Ele se constrói a partir de uma rede afetiva e editorial que envolve família, amigos e o editor Abimael Silva, do Sebo Vermelho — figura central na manutenção da obra de Carlão em circulação.

# SOM SALGADO



Por Belita Lira

“Sensual, salgado e surpreendente”. É assim que a cantora e compositora Cami Santiz define seu álbum de estreia, SALINA, lançado nesta quinta-feira 28. O trabalho, que conta com 9 faixas, marca um ponto de virada: o momento em que a artista assume, de forma definitiva, seu lugar na música e transforma trajetória e identidade em linguagem.

Construído a partir de referências nordestinas, vivências pessoais e um processo criativo intenso, SALINA se apresenta como uma obra que vai além da música e se afirma também como narrativa. É um álbum que nasce de deslocamentos — geográficos e simbólicos — e que encontra justamente na mistura sua força estética e identidade.

Antes de chegar a esse ponto, no entanto, houve um percurso de reconhecimento e apropriação. “Artista. É um termo que demorei a me apropriar. Não venho de família de músicos, pintores, ou qualquer outro tipo de arte... isso parecia distante de mim. No momento que me reconheci

como artista, uma chave virou. Hoje digo, sou compositora, cantora, mas também tenho um lado acadêmico, sou psicóloga de formação e também me formei em produção audiovisual. Sou amazonense, mas metade potiguar. Resumidamente, sou uma criativa crônica. Sou curiosa em explorar todo o meu potencial criativo, e viciada em enfrentar os meus maiores medos. O palco me dava muito medo, hoje... o medo se transformou em potência.”

Essa potência encontra forma em SALINA, um álbum que nasce do território. Ao chegar em Natal, Cami se deparou com uma narrativa que parecia simples, mas carregava camadas: a terra do sal e do sol.

“Quando eu cheguei em Natal, ouvi falar que o Rio Grande do Norte era a terra do sal e do sol. Bom, o sol fica evidente, mas onde está o sal? Dentro das minhas pesquisas, descobri que somos o segundo maior produtor de sal do mundo, e nosso Estado também é o maior produtor de sal do Brasil. A partir disso, tracei um paralelo forte entre a arte que em grande medida vem do Nordeste e o sal que está sempre na mesa do brasileiro.”

A metáfora se amplia. O sal que tempera, conserva e se espalha sem que sua origem seja reconhecida encontra eco na produção cultural nordestina, muitas vezes consumida, mas nem sempre valorizada. “Então decidi fotografar a capa nas salinas de Mossoró de forma especial. Isso também se reflete na minha trajetória porque o sal formado nessa região vem de uma mistura de água do rio e água do mar... e isso é exatamente o que eu sou. Eu venho de águas doces e me criei na água salgada.”

A dualidade também aparece na construção sonora. O disco se divide em dois lados, como se convidasse o ouvinte a percorrer diferentes atmosferas. “Meu disco apresenta um lado A e um lado B. No lado B, o lado dançante, eu trago esse balanço utilizando principalmente elementos da bregadeira, do brega e do arrocha, de forma mais específica os elementos percussivos.”

A artista cita referências que atravessam o Nordeste: “Banda Grafith, Lucas Boquinha e MC RB KBLZ”, além de nomes como Silvano Salles, Rachel Reis, Duda Beat e Jadsa. “São artistas que têm identidades muito fortes e que me remetem ao Nordeste, tanto da cultura de paredão quanto da música alternativa.”

Se o som carrega o território, a voz também não abre mão de suas raízes. “Eu não deixo de lado o meu sotaque nortista ao cantar. Mas as letras e paisagens que vou desenhando na composição remetem às praias de Natal, momentos que vivi aqui na cidade e símbolos que para mim são Natal... dunas, mar, sol, areia, mergulho quente. Não tem como, eu sou uma mescla dos dois lugares.”

A construção do álbum, no entanto, não seguiu caminhos fáceis. Pelo contrário, foi marcada por insistência e entrega total. “Tenho muito orgulho de afirmar que foi uma produção 100% independente, feita em um estúdio caseiro.” Entre jornadas duplas e madrugadas, o disco tomou forma. “Durante a semana nós trabalhávamos em nossos empregos formais e, pela noite, trabalhávamos no disco. Aos finais de semana também. Foi a base de muito sacrifício.”

A dedicação foi absoluta. “Confesso que me tornei reclusa e dedicada 100% à arte. A arte nos consumiu de verdade e foi aí que percebi que eu de fato amava fazer música.” O projeto também se fortalece no coletivo, com participações de artistas potiguares como TINOC, Ian Medeiros, Tati Anolino, Cuca, além da masterização de Alexandre Maiorino.

Ainda assim, o caminho de artistas nordestinos segue atravessado por desafios estruturais. “A gente sabe que os maiores investimentos no mercado da música estão entre Rio e São Paulo. E quando a arte daqui é consumida, às vezes as pessoas nem sabem que estão escutando um artista potiguar. É como o sal: está sendo consumido, mas poucos se interessam genuinamente pela fonte.”

A cantora compartilha que o sentimento de lançar o álbum é de “ânimo, alívio e orgulho.” O percurso até aqui, segundo ela, já trouxe experiências significativas. “A música me surpreendeu muito: passos gigantes, palcos gigantes, pessoas que conheci, artistas que admirava me reconhecendo, Mada, DoSol, Teatro Ríachuelo e tudo isso... sem ainda ter um disco.”

O tempo de maturação também foi decisivo. “Meu disco quase estreou ano passado, mas eu não estava com o sentimento de que estava pronto. Eu não me orgulhava totalmente.” A decisão de adiar o lançamento aponta para uma escolha artística consciente. “Eu estava seguindo uma lógica de mercado, então freei isso e coloquei a arte e sua qualidade em primeiro lugar.”

O resultado, agora, reflete esse processo. “Agora posso dizer que está simplesmente encantador. Eu gosto de me escutar, escuto meu disco para ir trabalhar, na praia, no chuveiro... virei fã de mim mesma.”

Ao final, SALINA se mostra mais do que uma estreia. É um trabalho que reúne referências, vivências e escolhas em forma de música — e que posiciona Cami Santiz como uma artista que entende exatamente o que quer dizer e como quer ser ouvida.

# ARTE SACRA COM CONCHAS

Por Rebecca Alves

O Rio Grande do Norte tem uma relação cada vez mais próxima com as ostras. Presentes nos estuários e manguezais do litoral potiguar, elas deixaram de ocupar espaço apenas na gastronomia e passaram a integrar uma cadeia produtiva que envolve cultivo sustentável, turismo e geração de renda para comunidades locais.

O Estado se tornou líder nacional na produção de ostras nativas e experiências ligadas à atividade ganharam reconhecimento principalmente em cidades como Tibau do Sul, Canguaretama e Georgino Avelino.

Para além da gastronomia, a concha das ostras, que muitas vezes seriam descartadas, encontram novos usos e se tornam matéria-prima nas mãos de artesãs como Miriam Ferreira, que transforma o material em belas peças de artesanato.

Tudo começou durante a pandemia, quando ela passou a produzir arte sacra em casa. Sendo uma mulher católica, tinha um desejo antigo de ter uma gruta própria e isso se tornou aos poucos um ofício.

Depois, as peças passaram a ocupar espaço em feiras e eventos de artesanato. Para Miriam, o encontro com as ostras aconteceu despretensiosamente durante uma viagem à Georgino Avelino.

“Eu estava numa feira e vi as meninas trabalhando com ostras. As cascas estavam todas em um cesto para jogar fora. Perguntei se iam descartar aquilo e disseram que sim. Aí perguntei se podia levar porque queria tentar fazer uma gruta de ostra”, conta.

Após o consumo das ostras, as conchas geralmente se acumulam como resíduo. Em locais de comercialização e beneficiamento, o descarte pode acontecer em grandes quantidades, o que abre espaço para iniciativas de reaproveitamento.

A primeira tentativa não deu certo, Miriam precisou descobrir como expressar a sua arte através do reaproveitamento das conchas das ostras. Mas ela insistiu e hoje, as peças feitas com ostras passaram a ser produzidas por encomenda e comercializadas em feiras e redes sociais, principalmente através do perfil da sua loja @santacruta, onde compartilha frequentemente suas produções.

Além de trabalhar nas peças, a artesã destaca que todo o processo exige cuidado. Depois de recolher as conchas descartadas em Georgino Avelino e na comunidade de Barreta, em



Nísia Floresta, ela inicia uma longa etapa de limpeza: as cascas passam dias mergulhadas em água sanitária, são lavadas, escovadas e secas ao sol antes de virarem matéria-prima.

A estrutura das peças também surpreende. O que parece uma base rígida de madeira ou cimento, na verdade, é feita com materiais simples e recicláveis. “A base é toda de papelão. Eu vou cortando, montando o formato e colando uma ostra sobre a outra com cola quente”, explica.

Além das ostras, Miriam também utiliza conchas, pedras, garrafas PET, restos de jeans e outros materiais recicláveis. Para ela, o trabalho vai além da produção artesanal, pois tem um papel importante na sustentabilidade. “Quem trabalha com reciclado está salvando um pouco o meio ambiente”, afirma.

Apesar do potencial que enxerga nas peças produzidas com as conchas, ela acredita que o artesanato ainda enfrenta obstáculos. A principal dificuldade, segundo ela, é a falta de incentivo. “Viver 100% do artesanato é muito apertado. Pelo menos aqui no Rio Grande do Norte, a gente não sente que o artesanato recebe muito valor”, disse.

Além da produção própria, Miriam também participa da organização de espaços para outros artesãos. Junto a amigas, ela fundou o grupo Mulheres Raízes, iniciativa que busca ampliar a participação de artesãos em feiras realizadas em condomínios e outros espaços.

Apesar de não ser hoje sua principal fonte de renda, Miriam continua produzindo peças por encomenda e participando de feiras em Natal. O trabalho com conchas e materiais recicláveis representa uma alternativa de reaproveitamento de resíduos e integra possibilidades de geração de renda dentro da cadeia produtiva ligada às ostras no Estado.

# ROSA DE SARON RETORNA ÀS ORIGENS

Por Rebecca Alves

Após cinco anos sem lançar um álbum totalmente inédito, a banda Rosa de Saron voltou ao cenário musical com o álbum Rua dos Regressos. O trabalho marca uma nova fase da banda, misturando espiritualidade e rock, consolidando o grupo como uma das maiores referências do rock cristão brasileiro.

Com 12 faixas inéditas, o álbum aposta em músicas mais intensas do que as do último projeto da banda, Baile das Máscaras. Segundo materiais de divulgação, o projeto foi idealizado pelos integrantes Bruno Faglioni, Rogério Feltrin, Eduardo Faro e Wellington Greve.

Entre as músicas já conhecidas pelo público estão os singles "Pra Descobrir" e "Bartim(eu)", que contam com clipes lançados antes da estreia oficial do disco. As canções ajudaram a aumentar a expectativa dos fãs para o novo trabalho, principalmente por apresentarem uma sonoridade mais próxima das raízes da banda.

A faixa "Mordor" chama atenção pela referência ao universo criado por J. R. R. Tolkien, algo incomum na discografia do grupo e que reforça a proposta mais experimental do projeto. Já "Entre as Águas", parceria com PG, aparece como um dos momentos mais marcantes do álbum, unindo peso e emoção em uma colaboração bastante aguardada pelos fãs do rock



cristão nacional.

Após a saída do vocalista Guilherme de Sá, em 2019, a banda recebeu críticas relacionadas ao direcionamento musical das novas composições, que deixaram de lado parte do estilo mais pesado presente em discos clássicos como Horizonte Distante. Com "Rua dos Regressos", muitos admiradores enxergaram um reencontro da banda com sua identidade sonora.

Apesar do álbum transitar entre faixas leves e melodiosas, os fãs logo perceberam o resgate da essência da banda na maior parte do projeto. O novo trabalho também apresenta letras mais introspectivas, abordando temas como fé, amadurecimento, silêncio interior e reencontros pessoais.

A recepção inicial nas redes sociais e fóruns de música mostra um público dividido entre a nostalgia das antigas formações e o reconhecimento da evolução musical da atual fase liderada por Bruno Faglioni. Em comunidades online, muitos destacam justamente o equilíbrio entre inovação e fidelidade à essência do grupo.

Além do lançamento nas plataformas digitais, o álbum deve ganhar espaço no repertório da nova turnê da banda, que promete trazer ao palco tanto as músicas inéditas quanto clássicos que marcaram gerações de fãs ao longo dos mais de 35 anos de carreira do Rosa de Saron.

# ALMA NORDESTINA

Por Isabelly Noemi

Entre o humor, o jornalismo e os vídeos que viralizam nas redes sociais, Tallyson Moura construiu uma presença digital marcada pela identidade nordestina e pela observação do cotidiano. Natural de São Rafael, no interior do Rio Grande do Norte, uma cidade de 8 mil habitantes, ele ganhou projeção nacional ao transformar expressões, memórias e debates sociais em conteúdos que misturam pesquisa, deboche e identificação. Hoje ele soma mais de 130 mil seguidores em sua rede social e revela o desejo de continuar levando o Nordeste para onde for.

Em entrevista à Revista Cultue, o influenciador falou sobre internet, sotaque, carreira e o desejo de crescer sem "abandonar a alma no caminho".

**Revista Cultue - Quem é Tallyson Moura fora das redes sociais?**

**Tallyson Moura** - Fora das redes, eu sou um cara muito simples vivendo uma vida muito básica. Minha rotina se resume basicamente a trabalho, estudo e treino. Gosto também de conversar, ouvir histórias, rir de besteira e observar as pessoas, mas passo muito tempo sozinho com meus próprios pensamentos. Acho que meu conteúdo vem muito dessa curiosidade genuína pelo jeito que as pessoas vivem, falam e sentem, e também do espaço que tenho pra refletir sobre isso. Sou muito mais "na minha" do que as pessoas imaginam.

**Cultue - Como começou sua trajetória na internet?**

**Tallyson** - Minha trajetória na internet começou muito antes de eu postar vídeos no meu perfil. Começou nos bastidores, como jornalista, assessor de imprensa e repórter. Mas botando a minha cara mesmo, teve um primeiro start na pandemia, num período em que todo mundo estava borbulhando de pensamentos e precisando extravasar. Comecei falando de coisas que me atravessavam. E mesmo tendo um alcance muito bom logo no início, passei longos períodos sem postar um único vídeo. Minha relação com a criação de conteúdo é meio como um namoro turbulento, cheio de idas e vindas. Acho que ela só ficou mais sólida de junho de 2025 pra cá, quando tive meu primeiro viral.

**Cultue - Você imaginava que criar conteúdo viraria profissão?**

**Tallyson** - Na verdade, ainda tenho um pouco de dificuldade de me enxergar como criador de conteúdo profissional. É tudo muito novo e ainda não é o que me sustenta financeiramente. Hoje, meu trabalho principal ainda é como redator publicitário de uma agência do Rio de Janeiro. Acho que comecei a criar na internet muito mais pela necessidade de me expressar do que pensando em profissão. Mas agora chegou um momento em que parece que a coisa ficou séria. Tem muita gente querendo ouvir o que eu tenho a falar. E isso vem com uma senhora responsabilidade. Não só com o que eu falo, mas também em ter rotina, constância e disciplina.



**Cultue - O humor sempre foi sua principal forma de comunicação?**

**Tallyson** - O nordestino tem uma inteligência muito própria no jeito de rir da vida, né? Acho que herdei isso também. Essa coisa da tirada rápida. Mas não me vejo exatamente como alguém do humor, apesar de ter viralizado justamente em um vídeo que usa o deboche de ponta a ponta.

**Cultue - O que mais inspira seus vídeos e ideias?**

**Tallyson** - O cotidiano. Sempre. Uma frase que ouvi na academia, uma lembrança da infância, uma conversa de família, uma expressão nordestina, uma injustiça, um orgulho. Eu gosto de falar de coisas que dizem muito sobre quem a gente é. E gosto de fazer isso buscando dados reais, recurso que trago do jornalismo. Uma amiga minha um dia disse: "Nordestino é tão cheiroso que não manda beijo. Manda 'chêro'." Fui pesquisar e descobri que aquilo realmente fazia sentido: somos o povo que mais consome perfume no Brasil. Virou vídeo. Tenho feito também homenagens a grandes nordestinos, para que a gente se reconheça no brilho deles.

**Cultue - Como o jornalismo influencia o seu trabalho como influenciador?**

**Tallyson** - O jornalismo me ensinou a observar, ouvir, organizar pensamento e contar histórias com clareza, de um jeito que da faxineira à juíza todo mundo entenda. Além disso, me trouxe compromisso com a informação. Meus roteiros sempre envolvem estudo, pesquisa e checagem. Acho que tudo isso faz diferença no meu conteúdo, mesmo quando o vídeo é engraçado ou leve.

**Cultue - Você acha que ser nordestino molda a forma como você produz conteúdo?**

**Tallyson** - Completamente. É quem eu sou, né? Eu não sei produzir conteúdo sem o Nordeste atravessando. Não só como tema, mas como olhar. O jeito nordestino de contar história, de usar humor, de criar intimidade, de explorar a interessância das coisas... tudo isso molda minha forma de comunicar. E meu sotaque deixa tudo que eu falo mais legal de ouvir. E é doído pensar que, quando entrei no jornalismo, eu fazia de tudo para perdê-lo, porque vendiam essa falácia do "sotaque neutro".



# ROBERTA CAMPOS

## REÚNE GERAÇÕES DA MPB

Um ano após lançar “Coisas de Viver”, um dos trabalhos mais confessionais de sua discografia, Roberta Campos revisita o álbum em uma nova chave afetiva. A cantora e compositora acaba de apresentar “Coisas de Viver a Dois”, projeto que recria as canções do disco em duetos com diferentes nomes da música brasileira contemporânea, entre artistas consagrados e representantes da nova MPB.

O álbum reúne participações de Zélia Duncan, Jorge Verçillo, Jota.pê, Tuyo, CATTO, Elba Ramalho, Zeca Baleiro e Mari Froes, em releituras que ampliam o universo emocional das composições originalmente lançadas em 2025. Mais do que um disco de feats, o projeto funciona como uma espécie de extensão afetiva de “Coisas de Viver”, agora construída a partir da troca, da escuta e da conexão entre vozes.

Os lançamentos foram apresentados gradualmente nos últimos meses, revelando diferentes atmosferas musicais — do folk delicado à MPB mais luminosa e sentimental. O encerramento do projeto chega com três faixas inéditas: “Escapulário”, com Elba Ramalho, “Na Proa da Saudade”, ao lado de Zeca Baleiro, e “A Cor do Que Eu Quero”, parceria com Mari Froes.

Em “Escapulário”, Elba Ramalho imprime à canção sua

força nordestina e espiritualidade característica, enquanto Zeca Baleiro leva à melancolia leve de “Na Proa da Saudade” sua assinatura lírica marcada por memória e poesia cotidiana. Já Mari Froes divide com Roberta uma faixa atravessada por delicadeza e intimidade emocional.

Se no álbum original Roberta Campos mergulhava em reflexões mais individuais sobre amadurecimento, coragem, recomeços e autoconhecimento, “Coisas de Viver a Dois” desloca essas experiências para o campo do encontro. O resultado é um trabalho que aproxima gerações e sensibilidades distintas da música brasileira sem perder o tom intimista que marca a trajetória da artista mineira.

Com uma das discografias mais delicadas da música brasileira contemporânea, Roberta constrói no novo projeto uma celebração da parceria musical como espaço de afeto. Entre vozes já estabelecidas e nomes centrais da nova cena da MPB, o álbum reafirma a cantora como uma compositora interessada menos em grandes gestos e mais nos sentimentos que permanecem.

“Coisas de Viver a Dois” já está disponível nas plataformas digitais.

# ‘E.T.’

## APOSTA EM HUMOR DE ESQUETES COM TATÁ WERNECK E EDUARDO STERBLITCH

A parceria entre Tatá Werneck e Eduardo Sterblitch voltou à televisão em um formato que combina esquetes, improvisação, sátiras, paródias e referências ao universo digital. Exibido pelo Multishow e disponível no Globoplay desde o último dia 19, “E.T.” apresenta uma proposta que transita entre a linguagem da internet e a tradição dos programas humorísticos de televisão, apostando no talento de dois dos principais nomes da comédia brasileira contemporânea.

Com episódios de aproximadamente 25 minutos, a atração foi criada por Tatá Werneck, Eduardo Sterblitch e Rafael Queiroga, que também participa da equipe de roteiristas. A direção é assinada por Queiroga e Joana Clark, com produção de Bruna Zimbrão e produção executiva de Cláudio Dager. A primeira temporada conta com dez episódios exibidos às terças e quintas-feiras.

A estrutura do programa reúne diferentes formatos de humor. Ao longo dos episódios, os espectadores encontram números de stand-up, esquetes roteirizados, quadros de improvisação, paródias de produtos televisivos tradicionais e participações especiais de personalidades conhecidas. O resultado é uma produção marcada pela variedade de estilos e pela alternância entre diferentes linguagens cômicas.

Entre os segmentos que mais se aproximam da dinâmica das redes sociais estão os esquetes curtos que exploram comportamentos contemporâneos e personagens facilmente identificáveis pelo público. Nesses momentos, o programa apresenta situações inspiradas em debates, hábitos e excessos frequentemente observados no ambiente digital.

Nos primeiros episódios, algumas das histórias mais comentadas envolveram personagens ligados a discussões presentes nas redes. Em um dos quadros, uma feminista transforma um encontro em uma sequência de acusações de machismo direcionadas ao acompanhante. Em outro, um criador de conteúdo produz vídeos recheados de teorias conspiratórias sem fundamento. As situações utilizam o humor para abordar perfis encontrados em diferentes grupos e correntes de pensamento.

Essa disposição para satirizar comportamentos diversos aparece como uma das características centrais da atração. Em vez de concentrar suas piadas em um único grupo social ou ideológico, o programa distribui suas críticas entre diferentes personagens e universos, explorando exageros e contradições presentes no cotidiano contemporâneo.

Outro esquete que ganhou destaque nos episódios iniciais retrata um influenciador digital que grava vídeos para as redes sociais enquanto oferece amendoim ao próprio pai, que é alérgico ao alimento. A situação explora os limites da busca por engajamento e repercussão na internet, tema recorrente em diversas produções humorísticas recentes.

O desempenho de Tatá Werneck e Eduardo Sterblitch é um dos principais trunfos da atração. Conhecidos pela capacidade de improvisação e pelo domínio da comédia física, os dois artistas transitam entre diferentes registros humorísticos ao longo dos episódios. Em diversos momentos, a dupla recorre ao nonsense e ao absurdo, elementos que marcaram programas como “Comédia MTV” e produções internacionais de referência no gênero.

A influência de formatos consagrados da comédia também aparece em diferentes passagens do programa. Algumas esquetes dialogam com a tradição do humor de esquetes popularizado por grupos britânicos como o Monty Python, enquanto outras remetem

à produção de humor desenvolvida para plataformas digitais e vídeos curtos.

Já as paródias de novelas, comerciais e programas de auditório ocupam parte importante da estrutura do programa. Nesses momentos, a atração revisita formatos conhecidos da televisão brasileira, recriando situações inspiradas em produtos populares do entretenimento nacional.

Uma das imitações que mais chamou atenção nos episódios iniciais foi a reprodução do casal de jornalistas Sandra Annenberg e Ernesto Paglia, apresentada em tom de sátira. O quadro aparece entre os exemplos mais comentados das paródias produzidas pela equipe.

As participações especiais também integram a proposta da atração. Entre os convidados que já passaram pelos primeiros episódios estão nomes como Fafá de Belém, Cauã Reymond, Fátima Bernardes, Paola Carosella e Fernanda Lima. Os artistas participam de esquetes e situações cômicas construídas especialmente para o programa.

Ao reunir elementos tradicionais da televisão com referências ao humor produzido para a internet, “E.T.” procura estabelecer uma ponte entre públicos de diferentes gerações. A proposta busca dialogar tanto com espectadores habituados ao consumo de vídeos curtos nas plataformas digitais quanto com aqueles familiarizados com formatos clássicos da comédia televisiva.

Com apenas alguns episódios exibidos, a atração ainda apresenta diferentes experimentações de linguagem e formato. A combinação de esquetes roteirizados, improvisação e sátiras do comportamento digital indica a intenção de explorar múltiplas possibilidades humorísticas dentro de uma mesma produção.

A presença de Tatá Werneck e Eduardo Sterblitch, artistas reconhecidos por trajetórias consolidadas na televisão e no humor, é um dos elementos que sustentam a expectativa em torno dos próximos capítulos da temporada. Com experiência em programas de variedades, séries humorísticas e projetos de improvisação, a dupla assume papel central na construção da identidade da atração.

## SERVIÇO

E.T.  
Gênero: Humor  
Temporada: 1ª temporada  
Episódios: 10  
Duração: 25 minutos cada  
Criação: Tatá Werneck, Eduardo Sterblitch e Rafael Queiroga  
Direção: Rafael Queiroga e Joana Clark  
Onde assistir: Multishow e Globoplay



# CÁSSIA ELLER EM CINEBIOGRAFIA

Após mais de cinco meses de testes com mais de cem atrizes de diferentes regiões do país, a produção de “Cássia - O Filme” anunciou nesta semana que a atriz Luisa Arraes interpretará a cantora Cássia Eller nos cinemas. O anúncio foi feito durante o Show de Inverno, evento voltado ao mercado exibidor de cinema realizado em Campos do Jordão, onde também foram exibidas imagens dos bastidores da primeira sessão de caracterização da atriz.

O vídeo apresentado ao público reúne ainda imagens de arquivo da cantora e depoimentos do diretor Diego Freitas e de Maria Eugênia, companheira de Cássia Eller. As filmagens de longa-metragem estão previstas para começar em outubro.

A partir da definição do elenco principal, Luisa Arraes e Diego Freitas iniciam agora a preparação para o filme, incluindo treinamento físico, estudos de interpretação, leitura de roteiro e construção visual da personagem. Freitas ganhou projeção nacional com “Caramelo”, produção da Migdal Filmes lançada pela Netflix.

Ao justificar a escolha da atriz, o diretor afirmou que buscava alguém capaz de transmitir a essência da cantora, sem recorrer à imitação. “A Cássia tinha uma energia muito própria, muito verdadeira, e a Luisa também tem isso. Ela consegue ser forte e delicada ao mesmo tempo, sem parecer calculado. Em nenhum momento eu queria alguém tentando reproduzir trejeito ou fazer uma caricatura. O mais importante era encontrar uma atriz que transmitisse a alma da Cássia, a liberdade dela, a intensidade, as contradições. E a Luisa trouxe isso de um jeito muito emocionante”, declarou Diego Freitas.

Parte do elenco ainda segue em processo de seleção, conduzido pelo diretor de elenco Gabriel Domingues, indicado ao Oscar de Melhor Direção de Elenco por “Agente Secreto”. O roteiro é assinado por Bia Crespo e Fernando Bonassi. A produção será da Migdal Filmes, em coprodução com a H2O Produções e a Diadorim Ideias, com distribuição da H2O Films.

A produtora Iafa Britz afirmou que a proposta da cinebiografia é apresentar novas dimensões da trajetória da cantora. “Cássia é uma mulher que se recusou a viver enquadrada pela sociedade. Ela nos deixou um legado que se faz presente não só pelas músicas, mas também pela sua própria história de vida. Cássia nos mostrou como ser livre enfrentando as repressões sociais, construindo uma família fora dos padrões. Queremos contar a história dessa mulher artista, provedora, amante, mãe. Sou muito grata à Eugênia e ao Chico pela generosidade de compartilhar conosco a intimidade dessa família”, disse.

O coprodutor e distribuidor Sandro Rodrigues, CEO da H2O Films, destacou o potencial de alcance do longa. “Cássia Eller é uma artista atemporal da música brasileira. Mesmo 25 anos depois, suas músicas ainda transmitem a mesma força, coragem, liberdade e representatividade e seguem inspirando as novas ge-

rações. Este filme é uma imersão no universo de Cássia onde cada elemento constrói aos poucos essa artista e mulher tão autêntica e vibrante. E é exatamente essa força arrebatadora que levaremos para os cinemas com essa que, certamente, é uma das produções mais esperadas de 2027”, afirmou.

A cinebiografia irá retratar a ascensão artística de Cássia Eller, equilibrando momentos da carreira musical com aspectos da vida pessoal da cantora. A produção promete revisitar apresentações marcantes, como o show no Rock in Rio de 2001, além de abordar bastidores familiares e episódios ligados à luta da artista pelo direito de viver de forma livre como mulher, mãe e cantora.

Atriz, roteirista e diretora, Luisa Arraes acumula trabalhos no cinema, televisão e teatro. Entre os principais papéis estão as novelas “No Rancho Fundo”, “Segundo Sol” e a adaptação de “Grande Sertão Veredas”.

No cinema, atuou em produções como “Boa Sorte”, “Aos Teus Olhos” e “Grande Sertão”. Em 2026, também estará nos cinemas com “O Homem de Ouro” e “Muito Prazer”.



## “SIMPLES ASSIM”

### CHEGA AO TAM

O espetáculo “Simples Assim”, baseado na obra da escritora Martha Medeiros, chega a Natal para duas apresentações nos dias 6 e 7 de junho, no Teatro Alberto Maranhão. A montagem reúne no elenco os atores Alexandra Richter, Georgiana Góes e Pedroca Monteiro, com direção de Ernesto Piccolo e produção da Turbilhão de Ideias.

Com texto adaptado pela própria Martha Medeiros em parceria com Rosane Lima, a peça mistura humor e reflexão ao retratar relações humanas atravessadas pela solidão, pela tecnologia e pelas transformações do cotidiano contemporâneo. A montagem é inspirada em duas coletâneas de crônicas da autora, reunindo dez cenas construídas a partir de cerca de 200 textos.

A narrativa apresenta histórias interligadas e personagens que transitam entre o real e o distópico, como um casal que só consegue se comunicar pelo celular, uma mulher que contrata uma dublê para substituí-la e uma jovem que decide abandonar o amante para viajar a Marte. Em comum, os episódios questionam o desaparecimento da simplicidade nas relações afetivas e a dificuldade de conexão em meio ao excesso de informações e desencontros.

Segundo Martha Medeiros, a peça busca traduzir o espírito do tempo atual. “A vida é difícil, mas a simplicidade salva. Corruptos existem, mas eles nada podem contra a morte. A tecnologia nos domina, mas o amor segue imperioso. Tudo se entrelaça. É um texto para rir e pensar sobre essa birutice toda”, afirma a escritora.

A autora também destaca que o espetáculo procura preservar a dimensão humana dos personagens diante das mudanças sociais e tecnológicas. “Montar a peça hoje é abrir um

espaço de pensamento e, ao mesmo tempo, de prazer para os espectadores, desejando que eles possam rir e refletir sobre nossa linda e atribulada humanidade”, completa.

Conhecida por adaptações de obras como “Divã” e “Doídas e Santas”, Martha Medeiros participa pela primeira vez diretamente da adaptação teatral de um texto próprio. Segundo ela, o espetáculo mantém maior fidelidade ao tom e às ideias presentes em suas crônicas. “Em Simples Assim, eles estão mais íntegros. Claro que há também a adaptação da craque Rosane Lima, mas o espírito da peça está mais sintonizado com o que escrevo nos jornais. Há um compromisso real com minhas ideias e meu espírito”, explica.

As sessões em Natal ocorrerão no sábado (6), às 20h, e no domingo (7), às 17h e 19h30. Os ingressos estão à venda pela internet, com valores a partir de R\$ 25 para meia-entrada. A classificação indicativa é de 12 anos e a duração do espetáculo é de 75 minutos.

### SERVIÇO

“Simples Assim”

Dias 6 e 7 de junho

Teatro Alberto Maranhão

Sábado: 20h

Domingo: 17h e 19h30

Ingressos: a partir de R\$ 25 (meia-entrada)

Vendas: [www.megabilheteria.com](http://www.megabilheteria.com)

Classificação indicativa: 12 anos

# DADOS QUE ORIENTAM DECISÕES.

Pesquisa, estratégia e inteligência para entender cenários e antecipar resultados.

- ✓ Pesquisas Eleitorais
- ✓ Pesquisas de Mercado
- ✓ Opinião Pública
- ✓ Estudos Comportamentais

A Exatus Pesquisa e Consultoria é referência em pesquisas eleitorais, de mercado e opinião pública no Rio Grande do Norte.

Atuamos com rigor metodológico, credibilidade e análise estratégica para transformar dados em decisões seguras.

☎ 84 98186-3191

📷 @exatuspesquisa

🌐 exatuspesquisa.com.br

✉ exatuseconsultoria@gmail.com

📍 Av. Rodrigues Alves, 955 - Tirol  
- Petrópolis, Natal - RN, 59020-200

**exatus**  
CONSULTORIA & PESQUISA

